

OS MILITARES E A POLÍTICA NA REPÚBLICA

Parte XXXI

QUATRO GUERREIROS, QUATRO DESTINOS

*Almirante Luiz Filipe de Saldanha da Gama**

Espero poder cumprir o meu dever de brasileiro até ao sacrifício.

Cumpri o vosso.**

Luiz Filipe de Saldanha da Gama

Contra-Almirante

Em 7-12-1893

MÁRIO JORGE DA FONSECA HERMES

Almirante-de-Esquadra (Ref^o)

SUMÁRIO

SALDANHA CHEGA A MONTEVIDÉU
SALDANHA E PORTUGAL
COMANDANTE BENJAMIM DE MELO E PORTUGAL
SALDANHA NA EUROPA
SALDANHA RETORNA DA EUROPA
SALDANHA ASSUME O COMANDO DA REVOLUÇÃO
PRUDENTE DE MORAIS, PRESIDENTE
SALDANHA E A REALIDADE
SALDANHA NA FRENTE DE COMBATE
OS ÚLTIMOS DIAS
A CONCILIAÇÃO DE PRUDENTE DE MORAIS
AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ
A ÚLTIMA PELEJA
EPILOGO

* N.A.: Este capítulo teve por fontes principais as obras de Pedro Lafaiete, Hélio Leôncio Martins e Almirante Artur Thompson.

** N.R.: Inscção em bronze abaixo de seu busto no pátio principal da Escola Naval que tem seu nome. Ver figura na página 41.

SALDANHA CHEGA A MONTEVIDÉU

Após a evasão de 243 asilados do *Pedro III*, onde permaneceriam 170 revoltosos, Saldanha e seus comandados ficaram em quarentena na Ilha das Flores, de onde desembarcaram a **28 de abril de 1894** para Montevidéu.

Os brasileiros foram recebidos com toda a dignidade pelo governo e pelo povo da capital uruguaia e determinado oficialmente "que (os brasileiros) se encontram desde logo ao amparo e proteção das leis da República e o direito das gentes, como refugiados políticos, (...), e que se notifique aos chefes e oficiais que queiram ficar residindo nesta capital se desejam permanecer no país porque do contrário podem transladar-se ao exterior por via fluvial e aviso prévio à polícia"⁽¹⁾.

Saldanha, embora não fosse maçom, ficou alojado junto com seu irmão, Dr. Sebastião de Saldanha da Gama, o Capitão-de-Mar-e-Guerra Eliezer Tavares e 45 alunos da Escola Naval, aos cuidados do Grande Oriente.

SALDANHA E PORTUGAL

"O desembarque do almirante suscitou a maior indignação nos círculos do florianismo, e o governo do Brasil, em uma nota de 13 de maio, entregue ao Conde de Parati, rompia as relações com Portugal"⁽²⁾ (...)

Agiu corretamente o governo, afinal Lisboa havia assumido o compromisso de

desembarcar os asilados em território português.

O rompimento representava duro golpe para a economia portuguesa. Em decorrência, os jornais passaram a atacar, diariamente, Saldanha e seus comandados. *O Século* publicou artigo com violento ataque ao Almirante, "usando expressões insultuosas". Rui Barbosa, que se encontrava auto-exilado em Portugal, assumiu a defesa de Saldanha e, pelas páginas do *Correio da Manhã*, alicerçado no seu grande saber jurídico, respondeu às acusações divulgadas por *O Século*. Foi o

bastante para que a imprensa e mesmo o mundo oficial português fossem tomados de indignação e atingissem o jurista brasileiro com improperios, acusando-o de imiscuir-se em assuntos internos de Portugal e determinando que se calasse.

A situação em Portugal passou a ser de franca hostilidade aos revoltosos. Governo e opinião pública, esta conduzida pela imprensa, criaram ambiente adverso, principalmente contra Saldanha, que aumentava com o passar do tempo.

COMANDANTE BENJAMIM DE MELO E PORTUGAL

O Almirante permaneceu em Montevidéu pouco tempo. O suficiente para organizar a vida dos seus comandados naquela capital que tão bem os acolhera. Com ele, seguiram para Buenos Aires praças e civis; em Monte-



¹ N.A.: Ver *RMB* vol. 118, nº 1/3, jan./mar. 1998, p. 54, 55.



vidéu permaneceram oficiais e aspirantes da Marinha.

Na capital argentina, preocupou-se em viajar para Portugal, a fim de cumprir o prometido em suas cartas ao Primeiro-Ministro Hontze Ribeiro e ao Comandante Castilho e tentar obter a liberdade dos prisioneiros em Elvas e Peniche.

Quando preparava sua partida, recebeu correspondência telegráfica de Rui Barbosa, o qual, posteriormente, fez o seguinte registro: "(...) chegou a mim a notícia que o governo régio, por deliberação já tomada, não lhe daria a honra de o receber. (...)

"Cumpria que se nos evitasse a nós todos esse desgosto, e foi o que tratei, enviando no mesmo ponto, a Saldanha da Gama, com quem eu não tivera jamais até aí relações de espécie alguma, um telegrama de aviso que o induziu a desembarcar.

"Já tomava, em Montevideu, o pacote para Lisboa, quando recebeu o meu despacho e, reconhecendo-lhe a gravidade, mandou em seu lugar um secretário, bem conhecido e digno oficial de Marinha (...).

"O mensageiro do Almirante Saldanha da Gama, nesse ato de respeito, civilidade e fidalguia do grande soldado brasileiro para com o governo de Lisboa era o Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo. Pelo que a esse sucedeu, podereis calcular o que esperava o nosso ilustre almirante, se o meu rebate telegráfico o não tivesse levado a deixar-se de viagem a Lisboa.

"Mal chegara a essa capital o emissário de Saldanha da Gama quando *A Vanguarda* rompeu contra o almirante brasileiro (...). 'De-

pois das provas de covardia que este contra-almirante deu no Rio, e depois do procedimento torpe que adotou quando estava a bordo da *Mindelo*, só faltava que o senhor Saldanha da Gama viesse ainda abusar da hospitalidade que lhe fosse concedida (3)."

Tal fato levou o Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo a desafiar para duelo o jornalista Alves Corrêa, autor do artigo que tão desabridamente caluniava a pessoa do Almirante. A luta não ocorreu por fuga do jornalista para Ericeira.

O governo português, em apoio a sua imprensa, deu prazo de duas horas para Benjamim de Melo deixar Portugal.

"Acompanhado de um agente daquela repartição de segurança pública, Benjamim de Melo seguiu para a fronteira da Espanha. Rui Barbosa, que não tivera parte alguma nesse incidente, viu formar-se em torno de sua pessoa uma tal atmosfera de hostilidade, que logo percebeu não estar longe do dia de ser dali expulso e, antes que isto acontecesse, deu-se pressa em viagem para a França (4)."



SALDANHA NA EUROPA

Saldanha, contudo, estava decidido a manter o propósito de ir a Lisboa.

Silveira Martins tenta demovê-lo da idéia, por julgá-la infrutífera, e escreveu-lhe solicitando que assumisse logo o comando-em-chefe da revolução, ao avaliar as dificuldades que encontraria o Almirante no desempenho de tão hercúlea tarefa, a começar pela reorganização das forças, a essa altura dispersas.

Assim respondeu Saldanha ao chefe federalista: "(...) Não recuso esta posição, não obstante todas as suas dificuldades; o que não posso é aceitá-la agora. Há um dever de honra que me dita a minha viagem a Portugal, dever que se reúne a outro não somenos, qual o da defesa e resgate dos companheiros de infortúnio levados a bordo do *Pedro III*. Preciso, antes de tudo, dar cumprimento a esse duplo dever para considerar-me livre e readquirir toda a minha tranqüilidade e lucidez de espírito. Nestas condições, aceito o posto e virei ocupá-lo depressa quanto possível ⁽⁵⁾."

O Almirante não fazia concessões aos temas por ele entendidos envolvendo sua honra. Assim era Saldanha.

Tece, ainda, considerações no sentido de que melhor seria aguardar um tempo, pois imaginava que assim procedendo as forças governistas relaxariam seu estado de prontidão. Adverte que todo o sigilo, que, segundo ele, não era o forte entre os conspiradores, fosse mantido em relação ao seu nome.

"A luta ainda prossegue em solo rio-grandense, é certo; mas o momento é sobretudo de prudência, em consequência dos grandes desastres sofridos.

"No momento de V. Exa. receber esta missiva, já terei partido. Resolvi tomar o caminho da Espanha por maior precaução ⁽⁶⁾."

Saldanha deixou Montevidéu a **20 de maio de 1894**. Chegou a Barcelona no dia 12 de junho. A 23 encontrava-se em Madri, onde tomou conhecimento do ocorrido com o Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo. Desistiu, então, de sua ida para Lisboa e

tomou o destino de Paris. Antes de partir, escreveu longa correspondência de protesto ao Ministro Hontze Ribeiro, datada de 24 de junho.

Na capital francesa, encontrou-se com diversos asilados e auto-exilados brasileiros, entre eles Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Hilário de Gouveia, Eduardo Prado e o Conde de Leopoldina, "este último homem abastado, com ótimas relações nos grandes bancos europeus e que passava por ser um dos financiadores da revolução ⁽⁷⁾."

Exceção de Rui Barbosa, todos eram monarquistas.

O Almirante procurou angariar fundos para reiniciar a luta. Recebeu apoio em palavras, sempre amáveis, que lhe transmitiam esperanças, nas quais esses senhores não acreditavam. Dinheiro mesmo não vinha. Afinal, em que parte do mundo banqueiro coloca dinheiro em causa perdida? E para eles perdida era a causa em que somente Saldanha e uns poucos

mantinham a fé.

O próximo presidente fora eleito em março e a 15 de novembro seria investido na Presidência da República. Sabiam esses senhores que os jacobinos, os florianistas, fanáticos ou não, mesmo se essa fosse a vontade do Marechal, não teriam força para impedir a posse de Prudente de Moraes.

Terminara de maneira melancólica a missão de Saldanha na Europa. A falta de recursos perseguiu-o desde então. Porém, seu espírito não esmoreceu, e ele continuou a preparar-se para a guerra, empreitada que, mais que qualquer outra, requer não somente dinheiro, mas muito dinheiro.



SALDANHA RETORNA DA EUROPA

A tristeza de Saldanha de regressar ao Brasil sem poder ajudar os que se encontram presos em Elvas e Peniche sem dúvida foi maior do que as causadas pelas evasivas a ele apresentadas pelos ilustres patrícios com os quais manteve conversações em Paris. Negou-se à sugestão de lá permanecer e aguardar pela anistia que viria com o próximo governo. "Só entraria no Brasil vencedor ou morto, mas, no primeiro caso, pediria reforma do serviço ativo da Marinha."

Todavia, apesar dos dissabores, o guerreiro vinha imbuído da mais séria vontade de engajar-se na luta.

De Barcelona, antes de embarcar, escreve carta a Rui Barbosa, sobre o qual se conhece, apenas, a resposta datada de 20 de agosto, da Inglaterra. Eis alguns trechos. "(...) Pela minha parte reitero-lhe a minha declaração de que estou, com sumo prazer, ao seu serviço.

Fico ciente do que me recomenda. Seus desejos são ordens, a que corresponderei fielmente. Recebi o código telegráfico e guardo-o para as exigências da nossa situação. (...) Vou fazer a vossa excelência uma comunicação grave e do mais sério fundamento em relação ao nosso país." Rui referia-se a um inglês, que se dizia privar da confiança de pessoas do alto escalão do governo brasileiro. "Por esse sujeito, interposto um amigo nosso, com quem ele se abre, acabo de saber o plano político do nosso Rosas e a explicação da sua aquiescência em deixar o poder a 15 de novembro. O Prudente e o Vitorino já têm fixados, um e outro, a duração do seu período presidencial. O primeiro está fadado a governar apenas um e o

segundo dois meses. (...) ver-se-ão obrigados a abdicar pelas desordens, estudadas e maquinadas desde agora, com que o Exército, a Polícia, os jacobinos e os demais elementos apanguados ao florianismo os forçarão a despejar o Itamaraty. Então o Floriano terá de ser invocado como o homem indispensável, o específico contra a anarquia, e o militarismo, autor da subversão geral, receberá de si mesmo, na pessoa de seu chefe e insuflador, o encargo de debatê-la"¹⁸). Rui Barbosa indica ser a divulgação dessa comunicação nos jornais de Montevidéu e Buenos Aires a melhor solução para desmascarar o movimento; o melhor seria publicá-la como notícia já veiculada em Paris.

A paixão política fazia com que, mesmo homens da envergadura intelectual de Rui Barbosa, não se detivesse em análise mais profunda da situação brasileira, para concluir que São Paulo sustentaria Prudente de Moraes. E São Paulo não estaria só. Nem o Exército, como um

todo, apoiaria o golpe contra as instituições. Aceitava como verdade o que seria apenas um informe trazido por terceiros. E insuflava Saldanha.

Floriano Peixoto – ele, seu médico e, talvez, seus amigos mais próximos – sabia que sua saúde, consumida na ingente tarefa de governar a Nação em guerra civil de tamanha magnitude, estava se exaurindo. O que restava de vigor físico e de vontade empregaria na busca da vitória contra os revolucionários.

SALDANHA ASSUME O COMANDO DA REVOLUÇÃO

O Almirante Saldanha da Gama assumiu o comando-em-chefe da revolução em setem-

**Saldanha mantinha a crença.
Não admitia renunciar à luta.
Não aceitava a passividade de
seus companheiros que viviam
tranqüilamente no exílio**

bro de 1894. Tudo estava por fazer. Necessitaria empolgar combatentes dispersos, muitos deles desanimados, que optavam por aguardar dias melhores para regressar ao Brasil. Haveria que organizá-los, chamá-los aos bríos, para transformá-los novamente em tropa aguerrida. Teria que lidar com os caudilhos, homens pouco afeitos à disciplina militar. Gumercindo Saraiva havia morrido e Joca Tavares, sentindo o peso da idade, não se encontrava mais em condições de combater. É verdade que, pela primeira vez, haveria um comando militar único. Os recursos financeiros inexistiam e sem eles era quase impossível

a aquisição de material bélico. Os clamores de Saldanha cairiam no vazio.

Mas nessa adversidade surge a figura maior do chefe, que, infelizmente, não teve com quem dividir encargos, para tratar tão-somente do aprestamento militar dos seus comandados. É possível que o Almirante tenha cometido o erro de não delegar, por falta de confiança ou auto-suficiência. Porém, é possível, também, que tenha havido

um retraimento dos chefes revolucionários responsáveis pela política, com que obrigaram Saldanha a assumir compromissos em todas as áreas do movimento revolucionário.

Saldanha mantinha a crença. Não admitia renunciar à luta. Defendia o pensamento de que ao mantê-la poderia conseguir uma paz honrosa. Não aceitava a passividade de seus companheiros que viviam tranqüilamente no exílio.

Os pronunciamentos de Prudente de Moraes antes de sua posse, como não poderiam deixar de ser, eram de completa solidariedade à política de Floriano Peixoto. Condenavam a revolução, com a qual, a bem da

verdade, nunca concordara ou tivera qualquer simpatia. Saldanha, por esse motivo, insurgiu-se, desde então, contra o futuro presidente, no que mostrou pouco discernimento político. Prudente só mostraria a linha-mestra do seu governo em relação à revolução após empossado. E a prioridade maior seria a pacificação da família brasileira.

Sua correspondência permite, de alguma maneira, penetrar na alma de Saldanha, sentir suas queixas, aflições, a fragilidade do movimento que passara a encabeçar, mas também a busca do otimismo, a despeito de todas as dificuldades.

O meu aparecimento no Rio da Prata operou como um toque de clarim, os ânimos se levantaram, os chefes começaram a voltar aos seus postos e a gente a reunir-se

Saldanha

A 5 de outubro, de Montevideú, escreve carta a Rui Barbosa. Eis alguns excertos de sua missiva: "Devo principiar por dizer que o meu regresso teve lugar no momento preciso, no momento psicológico para sustentar a força moral da revolução e impedir-lhe o esfacelamento completo. (...).

"Após a morte de Gumercindo, Aparicio Saraiva, que o substituiu no comando, ainda executou

diversos movimentos e feriu vários combates, mas o desalento e o cansaço de sua gente e a escassez o forçaram a abandonar o terreno da luta, emigrando para o Estado de Corrientes, por Posadas, no Alto Uruguai.

"Com esses fatos a revolução pareceu morta e os nossos adversários cantaram vitória. Foi quando se deu minha chegada. O meu aparecimento no Rio da Prata (a crença geral era que eu me deixasse ficar na Europa) operou como um toque de clarim, os ânimos se levantaram, os chefes começaram a voltar aos seus postos e a gente a reunir-se. (...) (...).

"Dois resultados morais já colhemos com esse simples primeiro movimento – mostrar

nossa vitalidade e perseverança e separar os elementos espúrios ou fracos. (...).

"Só ficarão de pé os fortes, e bastam eles. Ainda temos chefes de grande valor para substituir o imortal Gumerindo, e o pessoal, além de numeroso, está animado do melhor espírito. **A única deficiência nossa neste momento é, como pode bem supor, a escassez de recursos em numerários**". Mas por pouco que se vá obtendo, conseguiremos desafogar a presente situação; o mais virá depois, a seu tempo. Tenho fé no futuro, e em que havemos de vencer, porque representamos a causa da civilização e da honra da Pátria; mas para vencer precisamos também da mesma força, que deu ao Floriano a primeira vantagem – a perseverança.

Enfim uma palavra de elogio a Floriano e, talvez, a que melhor sintetizasse a sua personalidade.

"Devo pedir vênua a V. Exa. para observar que não estou obcecado pela paixão, nem sou partidário da luta pela luta ou da luta *quand même*. Acredito, porém, que não poderemos sequer esperar solução digna da situação atual curvando inermes a cerviz à espera das boas graças do atual ou do novo senhor. (...)" Refere-se novamente à falta de recursos.

E terminando: "Não ignora V. Exa. qual a preocupação minha pelo desempenho do papel em que as circunstâncias por si mesmas me colocaram. V. Exa. sabe que o não procurei, mas constituído hoje em traço-de-união entre o antigo elemento monárquico e o novo elemento republicano puro e sincero, todo o meu afã consiste em aproximar esses dois elementos de valor, fazendo-os convergir para o terreno em que possam nobre e francamente congregar-se, em bem da prática comum. Seria isso, se conseguisse, a coroação de minha vida inteira.

"Neste particular, permita-me dizer que se acha na Europa o Conselheiro Andrade Figueira, felizmente escapo das garras do tirano. A aproximação entre V. Exa. e ele, na comunidade do exílio e dos grandes interesses da pátria, seria já um grande passo para o seguimento desse *desideratum*". (...) (...) ⁽⁹⁾

Dez dias depois, Saldanha, de Buenos Aires, escreve nova carta a Rui Barbosa: "A nossa situação – a da revolução armada – vai-se desafogando cada vez mais, e gradualmente. Forte de 2 mil homens, o corpo a mando do General Piragibe"*** conseguiu romper a linha de ferro, que o Vitorino Monteiro se gabava de estar estabelecida na fronteira e segue

* N.A.: Grifos do articulista.

** N.A.: Dificilmente Rui Barbosa, republicano e liberal politicamente, e, também, Joaquim Nabuco, monarquista liberal e paladino da causa dos escravos, manteriam aproximação com Andrade Figueira, monarquista, conservador e escravagista dos mais notórios. Muito fez para que a abolição não ocorresse. Quando os quilombolas começaram a fugir das fazendas, pronunciou-se e pressionou no sentido de que o Exército deveria persegui-los e capturá-los. Este fato determinou que Deodoro – o primeiro oficial de alta patente a assumir a causa da abolição – sem comissão, presidisse, em outubro de 1887, no Clube Militar que fundara, "memorável reunião para tratar da questão servil". Decide por apresentar à Princesa Isabel requerimento, onde fica registrado: "(...) esperam (os membros do Clube Militar) que o Governo Imperial não consinta que (...) os soldados sejam encarregados da captura de pobres negros que fogem à escravidão (10) (...)" Joaquim Nabuco empolgou a juventude militar, quando da tribuna da Câmara exclamou em discurso: "(...) O governo está empregando o nosso Exército em um fim completamente estranho a tudo o que há de mais nobre para o soldado. O governo está empregando os soldados brasileiros como capitães do mato na pega de negros fugidos" (11). Rui Barbosa, em 14 de maio de 1888, escreveu artigo no qual dizia: "Espada redentora, tu cresceste no horizonte da pátria, grande, luminosa, serenadora entre as ameaças de tempestades, como a curva do arco-íris, o sinal da aliança entre a nação, o escravo e o soldado. (...) mas no coração das classes populares, que te viram cintilar ao lado direito inerte, asseguraste laços de fraternidade que te hão de associar para sempre às conquistas civis do nosso progresso, à transformação liberal das nossas instituições" (12).

*** N.A.: Pouco depois, Piragibe deixava a revolução, quando alegou questões de saúde, conseqüência da queda do cavalo.

operando em território rio-grandense. (...) O próprio General Silva Tavares, o venerando ancião de 77 anos, está em movimento. Numa carta que me escreveu, repassada de patriotismo e da mais nobre abnegação, aceitou-me como chefe, declarando estar disposto, assim como todos os seus amigos, a compartilhar das novas lides. (...) Continuamos a ter a nosso favor, o que é muito, a declaração simpática do povo uruguaio e do argentino, simpatia que penetra até as regiões oficiais e as autoridades da fronteira. Contra nós temos as eternas divisões intestinas e a **natural**

escassez de numerário*. Os fracos e os especuladores não enxergam com bons olhos esta renovação da luta armada e classificam-na de **nova revolução**. Mas aí não está a maior dificuldade; ao contrário, a renovação da luta armada vai ter o duplo efeito de um verdadeiro banho galvânico, qual o de dar brilho ao bom metal e fundir o impuro, fazendo-o desaparecer. Para mim, **a grande dificuldade está na escassez dos recursos em numerário**. E não é preciso muito. O que digo

a V. Exa., tenho dito igualmente a todos os nossos amigos dentro e fora do Brasil. Cem libras de um lado, cem libras de outro, contanto que venham vindo sem detença e sem parar, e a vitória é nossa. O dinheiro é combustível de toda guerra; sem ele não se alimenta a fogueira da luta propiciatória. ⁽¹³⁾ (...).

Em carta para Saldanha, **datada de 13 de setembro**, Silveira Martins inicia suas palavras com otimismo, para em seguida entrar na

realidade da vida. "(...) Não tenho meios de obter recursos; os últimos de que podia dispor, a emigração da divisão de Juca Tigre consumiu-os, e nas armas que estão na alfândega de Montevidéu detidas, empreguei o dinheiro que pude obter por empréstimo pessoal. O meu crédito está esgotado; por isso não posso contrair obrigações que sei não poderei satisfazer no dia seguinte. Só um empréstimo em nome da revolução; mas para isso precisamos formar uma espécie de governo que a represente. (...) O que é preciso para honra da revolução é que Floriano não entregue o governo a Prudente no dia 15 de novembro vitorioso."⁽¹⁴⁾



Apesar de iniciar a carta dizendo que: "Nossa causa não está perdida; o Rio Grande é uma fábrica de soldados e não será vencido; o Brasil não terá paz enquanto o Rio Grande estiver emigrado, (...)", a verdade parecia ser a de que o grande tribuno gaúcho não mais acreditava no sucesso das armas revolucionárias. A meta para ele passou a ser Prudente de

Morais assumir a presidência com o Rio Grande ainda convulsionado.

Em carta de 14 de outubro, Silveira Martins escreve: "(...) que sua tirania (de Floriano) não foi aceita pela nação e que, se o seu sucessor for simplesmente seu continuador, há de encontrar o mesmo protesto armado por parte dos seus cidadãos. É uma advertência para que mude de rumo."⁽¹⁵⁾ Inócua advertência; apenas palavras ocas a esta altura.

* N.A.: Grifos do articulista.

Saldanha, por seu lado, não poupava seus companheiros; estes, desiludidos, acomodados, pragmáticos, objetivos, saudosos do lar ou esperançosos com o novo governo, já haviam se desengajado de uma causa que, por perdida, não mais acreditavam. Afinal, cada um era possuidor do livre arbítrio que lhe fora concedido.

Em carta ao seu amigo, o Tenente Retumba, desabafava: "O meu empenho é salvar a revolução, ou pelo menos a sua honra.

"O mais é disfarce embusteiro para justificar tibieza de ânimo, interesse particular e pessoal, já dominando os deveres do momento, ou, enfim, desejo de politizar baixamente com a nova situação que se espera com o levantar do sol de 15 de novembro. **Fiem-se na virgem e não corram**" como soem dizer em tom zombeteiro as nossas velhas comadres do interior. Autorizo-o a repetir isso e mesmo mostrar o trecho inteiro a quem entender conveniente fazê-lo. Destarte ficaremos todos desencansados - eu e eles" ⁽¹⁶⁾.

E terminava com as palavras: "Eu não promovi a revolução, como eles não o fizeram e foram a causa inicial dos males sobrevindos; ao contrário, reprovei-a e procurei em tempo impedi-la com o meu conselho e o meu influxo. Arrastado para ela pela força das circunstâncias, sacrifiquei-me a mim, aos meus e aos meus amigos; porém agora, em relação à revolução com respeito a tudo o mais em que me meto, ou hei de levar a empresa por diante, ou fico no caminho, ou serei o último a retirar-me da estacada. Não faça segredo disso."⁽¹⁷⁾

A 1^o de novembro, Saldanha volta a dirigir-se a Rui Barbosa, quando procurava mostrar otimismo: "A revolução está mais do que de pé. A invasão está feita e as operações reco-

meçadas. Três colunas já estão esperando na zona compreendida entre a fronteira oriental, o Ibicuí, o Cacequi e o Camaquã. (...) Estão quase prontos novos contingentes sob o mando de Rafael Cabeda, Ulisses Reverbel, Ladislau Amaro, Burlamaqui e o venerando Tavares (Joca). Estes deverão ter invadido quando V. Exa. receber esta.

"Não pode V. Exa. imaginar o ardor e boas disposições de que estão animados os chefes e combatentes em geral. Parece incrível como a revolução renasceu de sob as cinzas, em que parecia já sepultada".

"No interesse da causa comum, não tive dúvida em pôr de parte minhas justas queixas e fundados ressentimentos, aproximando-me do Almirante Custódio de Melo.

Parece incrível como a revolução renasceu de sob as cinzas, em que parecia já sepultada

Saldanha

Os elementos paranaenses e catarinenses também andavam por aqui um tanto dispersos; logrei chamá-los ao aprisco".

"Floriano Peixoto tem perdido muito terreno nestes últimos tempos, é certo; mas, ainda assim, a incerteza é grande. Neste momento, nada há bastante sólido ou seguro entre nós para se constituir em garantia de uma solução qualquer firme e duradoura.

"A revolução, portanto, deve estar e estará de pé. Se não puder de todo triunfar, ao menos deve concluir com honra. Esse esforço supremo é mais uma garantia, uma tábua de salvação para o país inteiro. Não estou reanimando a luta pelo amor obcecado da luta, ou por uma teimosia sem explicação. Tardei no entrar para ela, devo ser o último a deixar a estacada. A minha perseverança, se não puder dar a vitória, contudo ainda poderá vir a ser a salvaguarda de tantos interesses e tantas vítimas sacrificadas.

* N.A.: Grifos do articulista.

** N.A.: Renascer das cinzas vale para a mitologia, mas é uma irrealidade.

“*Suesum corda*”. Os nossos corações estão reanimados. **Apenas nos escasseiam os recursos materiais. Por pouco que viessem, e a pouco a pouco, ainda assim de grande auxílio haveria de ser.**” Os amigos da revolução deveriam fazer por ela mais um sacrifício; mesmo no interesse de não perderem tudo.

“Eis nalgumas palavras a situação, seus nobres intentos e também suas dificuldades. Escusado quase é dizer a V. Exa. que no momento oportuno hei de ir em pessoa assumir o comando no campo das forças em operações. Será o início de uma nova feição de minha vida.”⁽¹⁸⁾

Saldanha, a 12 de novembro, escreve ao Conselheiro Andrade Figueira, que se encontrava na Europa: “A situação política se resume na expectativa pelo próximo dia 15. A mudança do Floriano Peixoto para Prudente de Moraes como chefe do governo da República não altera por certo os altos propósitos e o elevado objetivo da revolução para mudar o curso desta, segundo as circunstâncias supervenientes. (...) (...)”

“Eis a situação militar. A revolução está de pé, ameaçadora, organizada talvez como nunca antes. **Para desenvolver-se apenas falta o numerário**”. Armas, munições, recursos necessários – tudo aqui se encontra nestes países, e em abundância.”⁽¹⁹⁾

Saldanha volta a comunicar-se com Rui Barbosa a 29 de novembro. Desta vez aborda as palavras que Prudente de Moraes dirigiu à Nação no dia de sua posse. O Almirante decepcionou-se. No entanto, não haveria razão para o primeiro presidente civil dizer palavras amenas em relação à revolução que ele sempre condenara.

* N.A.: Elevai os corações. Frase pronunciada pelo sacerdote durante a missa, no momento do prefácio. Cita-se como exortação a sentimentos elevados.

** N.A.: Grifos do articulista.

“(…) Por sua perseverança indomável ela (a revolução) conseguirá quiçá senão o triunfo completo, ao menos impor-se o bastante para dar ao país marcha diferente, e mais ampla do que a que se pode licitamente esperar da mesquinhez de espírito e da estreiteza de vistas reveladas por Prudente de Moraes desde a sua infeliz e pobríssima mensagem inaugural. (...)”

“Prudente de Moraes não parece estar à altura da crítica situação em que se encontra a pátria brasileira. Demais, por detrás dele já se agita a sombra ensangüentada do peixotismo descontente.

“As notícias dão Floriano atacado de ataxia locomotriz. Manha ou castigo do céu.

“Cada dia que passa, cada fato que se realiza ou se consuma – tudo me convence que a salvação moral do nosso Brasil está na vitória da revolução. A revolução deve acabar por vencer. (...)”

“A nossa situação militar é assaz regular, senão mesmo vantajosa. (...) E o mundo hoje é um só. Apenas um esforço mais, mais alguns recursos e alcançaremos, repito, ou a vitória ou uma paz com honra.”⁽²⁰⁾

Com data de 14 de março de 1895, Rui Barbosa escreve sua última carta a Saldanha. “Elas (as correspondências) terão mostrado a V. Exa. que os meus sentimentos e minhas opiniões não mudaram. **Apenas me impressionava profundamente, como continua a me impressionar, o receio que a sua bravura me inspira pela vida de um homem cuja conservação considero muito preciosa para o progresso futuro do nosso país.**”

Rui Barbosa tinha carradas de razão em sua apreciação. Em benefício do Brasil, Luiz Filipe de Saldanha da Gama deveria ter a vida

preservada. Porém, a análise histórica indica que o bravo guerreiro já optara pelo destino que acolhera. A esta altura não seria mais demovido. Todavia, parece lícito ajuizar, poderia ter sido desaconselhado antes de iniciar a temerária aventura em que fora colocado por Silveira Martins. É difícil acreditar que Rui Barbosa, os monarquistas que se encontravam no exterior, Joca Tavares e alguns outros homens ilustres que se posicionaram contra Floriano acreditassem que a revolução poderia, a partir das fronteiras do Rio Grande, sem dinheiro, sem Marinha, ameaçar o já consolidado poder central da República. Ou então, todos estavam envolvidos por uma fantasia coletiva, cujas figuras superlativas de Saldanha da Gama e Silveira Martins conseguiram criar e alimentar.

Ainda da carta de Rui Barbosa: "(...) Imagine V. Exa. a impressão com que vi estampada nas folhas europeias um telegrama do Prata, transmitindo-nos a declaração formal de repúdio feita aí pelo Almirante Melo contra as operações militares agora empreendidas por V. Exa. no Rio Grande do Sul. Não sei dizer-lhe o que hoje sinto e penso daquele homem, tão congênere do ex-ditador, pelas suas insondáveis e cruéis ambições, como o demônio com o diabo.

"Para mim, atualmente, a capitulação do governo perante o Almirante Saldanha é questão de pouco tempo, muito pouco. A paz, a anistia ampla, a reintegração dos combatentes nas suas dignidades militares, a eliminação do castilhismo e a inauguração de outro regime no Rio Grande estão eminentes. O governo é indeciso e timorato, mas a opinião o vai forçando." (21)

Rui Barbosa, auto-exilando-se logo no início da Revolta da Armada e passando a viver na Europa, carecia de uma visão próxima da realidade da situação brasileira. A avaliação por ele feita em sua última carta ao Almirante, quando a revolução ressurgida por Silveira Martins e Saldanha – ressurgida com falta de meios e, certamente, com parca crença entre seus seguidores – aproximava-se do final, não honra o grande jurista. É possível que, com suas palavras, desejasse Rui apenas transmitir ímpeto ao marinheiro. Porém, Saldanha, a que não faltavam vontade, coragem, brio e valor, não necessitava de qualquer tipo de estímulo.

Estampada nas folhas europeias um telegrama do Prata, transmitindo-nos a declaração formal de repúdio feita aí pelo Almirante Melo contra as operações militares agora empreendidas por V. Exa. no Rio Grande do Sul

Rui Barbosa

PRUDENTE DE MORAIS, PRESIDENTE

Entre os caudilhos engajados com a revolução, a mensagem de Prudente de Moraes, solidária ao Marechal e enaltecedora de seu governo, trouxe imediata indignação, que os levaram a entregar ao General Joca Tavares exposição onde

declaravam que, a partir de então, lutariam por um Rio Grande independente. Joca Tavares encaminhou o documento ao comandante-em-chefe, o Almirante Saldanha, que, imediatamente, fê-lo chegar a Silveira Martins, com sua opinião no sentido de que "a revolução desfraldasse a bandeira da restauração monárquica como única maneira de remediar a tendência tão claramente expressa de romper-se a unidade nacional, e acrescentava que a prevalecer a idéia separatista ele imediatamente deixaria de fazer parte da revolução." (22)

Respondeu-lhe, com grandeza, o respeitado tribuno gaúcho: "Nem separação, nem

restauração! O Rio Grande não tem o direito de impor formas de governo aos demais Estados da federação, já quase quebrada. Para a garantia da liberdade de cada um e vantagem dos interesses de todos, devemos antes fortificar os laços que unem os Estados uns aos outros. Se nossa pobre pátria está destinada, como parece que está, a pulverizar-se em republiquetas, não deve caber ao Rio Grande a triste glória de começar a destruição.”⁽²⁵⁾

O Almirante aceitou as palavras de seu chefe político e permaneceu no comando da tropa revolucionária, com o respeito dos caudilhos, que não ousavam contestar Silveira Martins.

Saldanha, avesso ao contato com a imprensa, acabou por conceder entrevista ao jornal *La Prensa*, a 30 de dezembro de 1894, por alguns considerada o seu testamento político: “(...) A prova da vitalidade da revolução está em que os desastres sofridos não foram capazes de abatê-la. Floriano Peixoto teve afinal que ceder o poder, deixando-a de pé; mostrando-se-lhe, por sua vez, em atitude intencionalmente agressiva, o governo de Prudente de Moraes se encarrega de dar-lhe razão quanto a prossecução da luta armada.

“(...) E, poderá esse regime ser outro, entre nós, que não o parlamentarismo representativo?

“A forma presidencial tão imprópria e servilmente plagiada da Constituição norteamericana” principia por não se coadunar com nossa índole, nem com a nossa

educação; mas, além disso, por sua mesma essência anula os homens superiores, neutraliza a ação fiscalizadora dos partidos, dificulta a solução calma das crises políticas, presta-se ao predomínio das camarilhas e, sobretudo, propende para a ditadura ou para a tirania, por pouco que o chefe onipotente do executivo, despidendo-se de escrúpulos, não se peja de corromper os elementos constitutivos da força pública.

“(…). Se há no Brasil, acima de qualquer outra consideração, sincero desejo de que não corra mais sangue de irmãos, se é, na verdade, aspiração geral, nacional, o restabelecimento da concórdia da família brasileira – o exemplo, o sinal desse *desideratum* não pode, em rigor, senão partir daqueles que, por isso mesmo que se acreditam legítimos depositários dos mais altos cargos do Estado, por isso também lhes incumbem promover o bem-estar geral, eliminando com acerto e sem paixão as causas perturbadoras do sossego público.

“Infelizmente, não se revela inspirada em tais propósitos a política do novo presidente...

“Ao contrário, no seu conselho se vê reaparecer o elemento castilhistas e a camarilha dos célebres generais paulistas, de mãos dadas outras vez, e, (...).

“(…) (...). Os verdadeiros elementos da revolução, sobretudo seus chefes, tanto políticos como militares, continuam firmes e cada vez mais fortalecidos pela justiça da causa.

Se nossa pobre pátria está destinada, como parece que está, a pulverizar-se em republiquetas, não deve caber ao Rio Grande a triste glória de começar a destruição

Silveira Martins

*N.A.: Obra de Rui Barbosa. Disse Levy Carneiro: “A Rui Barbosa se deve em todos os sentidos, mais que a ninguém, a estruturação da República Federativa do Brasil. (...); nenhum artigo (do anteprojeto) ficou imune da emenda sua, por vezes de simples redação, aliás importante, em se tratando da Constituição”. *RMB* v. 112, nº 7 a 9, jul/set de 1992, pg.27.

"(...). Agora – os instintos restauradores que me são atribuídos. Assiste-me, sem dúvida, o direito de minhas crenças e convicções, sobretudo podendo ir buscar para endossá-las argumentos poderosos no largo passado pelo próprio Brasil, porém o que é certo, público e notório é que nunca desci a procedimento clandestino para fazer vingar tais crenças e convicções e nem dei jamais prova de pretender impô-las pela força à minha pátria. Doía-me, sim, não o nego, e ainda me compunge ver o país inteiro sob o domínio de uma situação criada por ato exclusivo da força militar e mantida ainda hoje pela pressão da mesma força. Quisera que o povo brasileiro, por sua própria dignidade de povo culto, livre e civilizado*, reassumisse a inteira responsabilidade dos seus destinos e nesse sentido me expressei no meu manifesto, quando, no porto do Rio de Janeiro, me vi compelido a tomar as armas, **mais pela força das circunstâncias e dever de cavalheiro do que mesmo por espírito revolucionário**". Deixei assim lavrado ao menos meu protesto; porém, brasileiro antes de tudo, os meus serviços estarão sempre consignados à minha pátria. (...).

"Quanto a essa longaminidade, de que parece querer dar prova o novo governo, permitindo a volta à pátria a certos revolucionários, em verdade não passa de um consenso particular, de caráter todo pessoal, praticado à sorrelfa, e portanto não honra a quem oferece e menos a quem o aceita. Este modo de proceder nem é decente.

"Em sua mensagem inicial, Prudente de Moraes qualificou Floriano Peixoto de glória da América e da Humanidade, ao passo que estigmatizou a revolução e os revolucionários em termos duros, repassados de fel. (...).

"Floriano e o florianismo já caíram sob o peso da execração nacional."**

"A revolução e os revolucionários não podiam pretender mais para ficarem justificados aos olhos do Brasil e ante o mundo civilizado.

"Entretanto, o fato é que as perseguições continuam em Santa Catarina e no Paraná. No Rio Grande do Sul, impera a lei marcial e, pior que a lei marcial, o castilhismo, com seu cortejo de ódios e vinganças.

"Por que há de, pois, a revolução desarmar-se e aplastar-se de moto próprio, ante o governo de Prudente de Moraes? Não são já de responsabilidade deste governo o sangue derramado e as atrocidades cometidas em todo o Sul, a partir de 15 de novembro último? Não parte dele, agora mesmo, a provocação à prossecução da luta de extermínio?

"(...). Prudente de Moraes aprenderá por si o quanto vai custar o não saber ou não ter querido inspirar-se nos grandes exemplos do passado (referia-se ao papel de Caxias na pacificação do Rio Grande, durante a Revolução Farroupilha). Resolvendo-se a exterminar, como supostos inimigos da Pátria, aqueles que ele encontra com as armas na mão para a defesa, aliás, dos mais legítimos direitos do homem, o novo presidente se esquece talvez

* N.A.: O povo não era culto nem civilizado, condições necessárias mas não suficientes para ser livre. É sempre bom lembrar que somente em 1888 a escravidão foi abolida. O Império, mormente o Segundo Reinado, foi cúmplice em procrastinar tão anômala situação. É pouco dito que o Exército teve papel preponderante para acelerar tão tardio acontecimento. O Embaixador Rubem Ricúpero usa dizer que escravidão e latifúndio foram as causas maiores da pobreza e da indecente distribuição de renda que macula o Brasil (de memória). À sua época, Joaquim Nabuco, creio, dizia que somos uma Nação sem povo.

** N.A.: Grifos do articulista.

*** N.A.: Desconheço palavra ou documento partido de Floriano que o indicasse desejar permanecer no governo. O contrário é verdadeiro. Contudo, essa sua atitude não impedia que grupos de florianistas exaltados e de jacobinos pressionassem-no nesse sentido. Floriano preferia outro nome, a exemplo de Lauro Sodré, em lugar de Prudente de Moraes. De qualquer modo, sua saúde, à semelhança com a de Deodoro, minada desde o Paraguai, havia se exaurido no esforço hercúleo de governar o Brasil ante as revoluções. Floriano não caiu.

de que outro resultado não consegue, senão diminuir o número de brasileiros de seu tempo. Mas Prudente de Moraes há de acabar por ir-se, como já se foi Floriano Peixoto, e a vítima de tanta obcecação, de tanto erro, ficará sendo unicamente o Brasil".⁽²⁴⁾

SALDANHA E A REALIDADE

Saldanha, em suas cartas e entrevista, parecia abstrair-se da realidade. Os substantivos e adjetivos que usava, embora inseparáveis de sua "personalidade romântica", não determinavam vitórias no campo de batalha. Talvez fizessem sentido ao início do século XVI, a época de Bayard, "*le chevalier sans pena e sans reproche*". A luta decorrente da revolução federalista já dera, no longo período de sua duração, mostra, de lado a lado, da mais torpe ferocidade. Nela os sentimentos de honra, dignidade e respeito aos derrotados nas peles haviam sido ultrapassados pelo ódio entre irmãos, marca maior das guerras civis.

Disse bem Joaquim Nabuco: "O seu pronunciamento em dezembro é já uma adesão a uma causa vencida; apesar da confiança que ele aparenta, das ilusões que por vezes parece abrigar, o que se vê é que o ponto de honra militar é a coragem de cair com a sua classe, e não a ambição, o sentimento que o trabalha interiormente".⁽²⁵⁾

É compreensível, pois, o registro de Hélio Leôncio Martins de que "não aparecem nesses escritos idéias práticas, ações efetivas que acenassem com esperanças e definissem pla-

nos que levariam a reais e definitivos êxitos".⁽²⁶⁾ Em verdade, o Almirante não os tinha, não precisava tê-los. Já havia traçado seu destino. É possível, todavia, que, no recôndito de sua alma, abrigasse, com alguma convicção, a idéia de que conseguiria, no campo da luta, a paz com honra que tanto almejava e que o envolveu nos seus devaneios, quando resolveu aceitar o comando-em-chefe das forças revolucionárias. Quem sabe essa tênue esperança o impulsionasse para a luta desigual.

SALDANHA NA FRENTE DE COMBATE

A 5 de janeiro de 1895, chegou à localidade de Concórdia, a fim de encontrar-se com o General Joca Tavares, que o aguardava na propriedade do estancieiro Galvão Machado. Aí, investiu-se, de fato, do comando supremo das forças revolucionárias.

O venerando chefe, a 15 de janeiro, entregou ao Almirante o cargo que exercia, sem ressentimentos, quando demonstrou compreensão e boa vontade, segundo Saldanha.

O agora comandante-em-chefe não tivera momentos de folga desde o seu regresso da Europa. Assumira todos os afazeres: políticos, logísticos e administrativos. Somente ao assumir o Comando-em-Chefe passou a dedicar-se inteiramente à organização de suas tropas que invadiriam o Rio Grande. "Seriam quatro colunas (que eles chamavam de corpos de exército), sob os comandos respectivos de Aparício Saraiva (1.600 homens), Antônio Piragibe (1.000 homens), Guerreiro

É possível, todavia, que, no recôndito de sua alma, abrigasse, com alguma convicção, a idéia de que conseguiria, no campo da luta, a paz com honra que tanto almejava e que o envolveu nos seus devaneios, quando resolveu aceitar o comando-em-chefe das forças revolucionárias

Vitória (1.800 homens) e Prestes Guimarães (a coluna não chegou a ser formada). Haveria, ainda, um batalhão de Marinha, com 400 fuzileiros e marinheiros, comandados pelo Primeiro-Tenente Antão da Silva. Toda essa gente achava-se espalhada pelas fronteiras uruguaias e argentinas.¹²⁷⁾

Saldanha, a 18 de janeiro, foi comunicado do fracasso da operação por ele idealizada e planejada com o objetivo de apoderar-se da Flotilha do Alto Uruguai e da cidade de Itaqui. Os comandantes da missão, Antão da Silva e Filinto Perry, eram oficiais experimentados e experientes em combate. O planejamem-

to do Almirante, na busca de atingir seu propósito estratégico, em tudo se afigurava correto. Porém essa empreitada, mais semelhante a uma ação de “comandos”, haveria de contar com facilidades de momento na área de operações e com pessoas confiáveis que dariam assistência aos incursores. “Na madrugada do dia 26 de dezembro, deveria ser desencadeado o assalto. Mas tudo conspirou para seu malogro. As canoas foram encontradas nos locais combinados, mas em menor número do que o esperado e mal equipadas. Sobrecarregadas e faltando-lhes remos suficientes para serem manobradas, não conseguiram alcançar as unidades a que visavam (*Monitor Rio Grande* e *Canhoneira Vidal de Negreiros*, que nada perceberam), sendo arrastadas para jusante. Tiveram, por fim, que abicar os atacantes na margem argentina, internando-se na mata para não serem descobertos.¹²⁸⁾ (...)”



“Mal informado, Saldanha criticou severamente o fracasso da operação, que considerou não ter tido preparo suficiente, faltando até remos nas embarcações, o que afastou Perry do Almirante, apesar das suas valentes atuações no passado. Mais tarde, conhecendo melhor o que se passara, procurou novamente trazer Perry para seu lado, mas o convite não chegou a ser atendido.¹²⁹⁾

Assim registrou Saldanha em seu Diário: “Quanto sacrifício em pura perda! E quanta dificuldade nova a resolver no meio das dificuldades já próprias da situação!”. Mas não

deixa ao desamparo aqueles seus camaradas que estavam em retirada.

“Mandeí – escreve ainda Saldanha – pôr à disposição do Comandante Antão a minha última reserva em dinheiro – 700 pesos-ouro, depositados no Banco de Londres e do Rio da Prata, em Buenos Aires”.¹³⁰⁾

Escreve Pedro Lafaiete que Saldanha, nos meses de janeiro, fevereiro, março e abril de 1895, dedicou-se às questões referentes à aglutinação e ao aprestamento das diversas tropas dos caudilhos federalistas para a guerra. Percorreu, então, com enormes sacrifícios, regiões para ele desconhecidas. Do referido diário transcreve: “Certa vez, depois de cavalgar por 14 léguas, foi dormir ‘sobre um catre mal amanhado e sem colchões’. Em outra ocasião, faz um percurso de estrada de ferro, em uma fonda suja e sórdida. Após uma marcha a cavalo, teve por refeição um pedaço de churrasco e uma cuia de mate amargo”, indo dormir em um galpão, onde se deitou em um miserável enxergo.¹³¹⁾

* N.A.: Tão ao gosto dos gaúchos, tão difícil para a aceitação dos iniciantes.

Um dos maiores problemas a ser enfrentado pelo Almirante foi o de contornar as desavenças entre os diferentes caudilhos, cheios de vaidades, que tornavam questiúnculas em assuntos da maior gravidade. Faltava a esses chefes, todos valentes e obedecidos por seus seguidores, mas na sua maioria rudes, a compreensão exata da missão assumida por Saldanha de continuar a luta contra o governo federal. Para eles, existiam questões locais, quando não apenas as de caráter pessoal. “Não posso acreditar que V. Exa., ou quem quer que seja da revolução, prefira uma satisfação pessoal ao triunfo da causa pela qual nos temos todos sacrificados. Quero crer que seja esta a solução preferida e mesmo a mais nobre no momento atual. Os antigos e probos cavalheiros não ajustavam entre si suas contendas pessoais senão depois de vencido o inimigo comum. Eis o meu conceito.”⁽³²⁾ Esta a maneira pela qual Saldanha concluiu carta ao chefe maragato Ovídio Batista de Oliveira. Sua linguagem elaborada conseguia sensibilizar, diminuir pendências e, tanto quanto possível, unificar seus comandados.

Em seu Diário, contudo, a 12 de fevereiro, desabafava: “Quantas dificuldades e surpresas morais e materiais!”⁽³³⁾

Em carta datada de 5 de março, dirigida ao seu amigo o Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo, anunciava, com algum detalhe e satisfação, o cruzamento da fronteira pelo exército comandado por Aparício Saraiva. E dizia: “Mostre esta carta aos amigos daí. Se estiverem dispostos a ajudar-me, ainda poderemos realizar alguma coisa de grande, sobretudo

neste momento em que se divisa certa paralisia e desconchavo nos movimentos de nossos adversários.

“Se não quiserem, então, envidarei com o grupo que puder aprontar e irei reunir-me aos que estão trabalhando.

“Ao menos poderei acabar combatendo, ao invés de sobreviver como caloteiro a uma revolução a qual tudo sacrifiquei.

“Meu erro foi não ter vindo muito antes para a fronteira, ocupando-me de tarefas de que outros se poderiam facilmente incumbir.

“Quanto tempo e quantos sacrifícios se não teriam poupado! Mas desse meu erro foram culpados os próprios amigos que, como sabe, se encolheram todos, deixando-me só e a descoberto na tarefa das compras, da diplomacia e até da vil politicagem.”⁽³⁴⁾(...)(...).

Na mesma data, escreve a Silveira Martins carta, sobretudo, de desabafo, pois parecia não poder conter seus sentimentos. “(...) Afinal, na madrugada de 26 próximo passado, experimentei a indizível satisfação de ver desfilar em frente de mim e penetrarem em terras do Rio Gran-

de perto de 900 companheiros, todos vestidos, armados e montados. Acompanhei-os até a Estância Carlos Judice, a seis léguas da linha divisória.” – Este momento constituiu-se na última grande alegria de Luiz Filipe de Saldanha da Gama. – “Ali tive ainda de presidir a organização da força, ao aceitar do armamento de fogo e ao remover de todo o pretexto de divergência entre os dois elementos constitutivos da força, o de Cabeda e o de Aparício propriamente dito.” – E atira uma

**Quanto tempo e
quantos sacrifícios se
não teriam poupado!
Mas desse meu erro
foram culpados os
próprios amigos que,
como sabe, se
encolheram todos,
deixando-me só e a
descoberto na tarefa
das compras, da
diplomacia e até da
vil politicagem**

Saldanha

farpa em Silveira Martins: "Recordo-me quando, em Buenos Aires, se tratou da nova divisa, ter V. Exa. classificado isso de minudência ou puerilidade. Pois bem: essa minudência salvou a nossa força, impedindo que ela se não separasse em duas ali mesmo no ato da invasão. (...) (...)".

"Aparei-me da força de Aparício com dor de coração por não poder seguir com ela. E devo acrescentar que voltei por causa de outra força não menos numerosa de que dispomos nesta mesma zona, e a qual sem minha

presença não conseguirá se aprestar. (...) Esta gente já está vestida, arreada e parte montada. Lanças arranjam-se. Falta-lhes ainda cavahada e sobretudo armamento de fogo. (...) Não ignora V. Exa. que os prometidos recursos do Rio ainda não vieram. (...) (No Sul), tenho encontrado a melhor boa vontade de quase todos, porém eu não estou em situação de taxá-los, como V. Exa o pode fazer. (...) Hoje reconheço ter sido um erro meu não ter vindo desde logo

para a fronteira ocupar-me exclusivamente das minhas funções de chefe militar, sem envolver-me em compras nem nas tricas da politicagem ou da diplomacia. **Mas esse erro que cometi, cometi-o por culpa de V. Exa. mesmo e dos nossos principais amigos***. Felizmente, ainda é tempo de repará-lo; eu cá estou disposto a todo gênero de sacrificios; basta que V. Exa. e os amigos me auxiliem de lá. (...) Mas se o auxílio não vem, neste caso previna-me ao menos V. Exa, porque invadirei com qualquer grupo, para reunir-me aos companheiros que estão operando. Sacrifiquei à

revolução o meu nome e a minha posição, que era única na classe militar brasileira; abandonado por aqueles que me arrastaram ao sacrificio, prefiro ao menos acabar combatendo do que terminar como caloteiro, que não satisfaz os compromissos que assumiu em prol da mesma revolução.

"Bastam nossos amigos dos departamentos de Salto e Paissandu para acudir sem maior sacrificio às necessidades do momento, mas só V. Exa. poderá impor-lhes a quota que a cada um deve tocar. Eu não estou para com eles em situação de o fazer."⁽³⁵⁾ (...) (...)

Pedro Lafaiete, que, com honesto entusiasmo, biografou Saldanha da Gama, tomou a defesa do Conselheiro Gaspar Silveira Martins—o politico de maior expressão no Império, quando do advento da República—, ante as críticas duras mas nem sempre justas que a ele dirigiu o Almirante. Diz que o apoio de Silveira Martins a Saldanha sempre existiu desde quando, diretor da Escola Naval,

procurou atraí-lo para posicionar-se contra Floriano Peixoto. Que sugeriu seu nome para chefe do Governo Provisório e apoiou a concepção estratégica de Saldanha para desembarcar nas praias próximas ao Rio e a Niterói, com as tropas do General Salgado, vetada por Custódio de Melo. Que foi Silveira Martins quem convidou Saldanha para o comando supremo da revolução, após sua evasão de Pedro III; somente o prestígio do Conselheiro e a obediência que lhe prestavam os maragatos tornaram possível esse ato. Um ponto, talvez, mais que outros, deva ficar

**Afinal, na madrugada de
26 próximo passado,
experimentei a indizível
satisfação de ver
desfilarem diante de mim
e penetrarem em terras do
Rio Grande perto de 900
companheiros, todos
vestidos, armados e
montados**

Saldanha

* N.A.: Grifo do articulista.

esclarecido: "Não foi Silveira Martins quem retardou a ida de Saldanha para a fronteira. Ao contrário, tão logo o Almirante desembarcou do *Pedro III*, em maio de 1894, o chefe liberal gaúcho apelou, com a maior insistência, para que ele, sem perda de tempo, se pusesse à frente da reorganização dos exércitos insurgentes. O Almirante, porém, mostrando-se intransigente no ponto de vista de que devia, antes, ir à Europa cumprir um dever de honra,

protelou de vários meses aquela sua investidura e só em setembro, já relativamente próximo à posse de Prudente de Moraes na Presidência da República, é que assumiu a direção da pugna".⁽³⁶⁾

Rui Barbosa o aconselhou a não empreender a viagem a Portugal, pois lá não seria recebido. A viagem, inclusive o contato que manteve com os monarquistas em Paris, valeu tanto quanto zero à esquerda, pois além de palavras de apoio, mais de praxe que verdadeiras, não resultaram em sequer uma libra para a causa federalista, na qual não mais acreditavam.

"Não tendo a revolução nesta fase final constituído qualquer espécie de autoridade civil e estando sob a suprema e única direção militar de Saldanha, a este, naturalmente, cabia representá-la em todos os seus interesses, inclusive os diplomáticos, financeiros e políticos", (...). Tendo desbaratado na luta os seus bens de família, Silveira Martins vinha apelando para os seus correligionários, no

sentido de que dessem fundos a Saldanha. Porém, a revolução já não inspirava confiança a mais ninguém e, nessa situação, era difícil obter contribuições vultosas e freqüentes. Ademais, o Almirante tinha fama de gastador, até entre seus camaradas de farda — fama, aliás, que correspondia à verdade, sendo notória a prodigalidade com que se conduzia nesses dias em que os recursos em dinheiro escasseavam.⁽³⁷⁾ Todavia, não foi assim, pelo

menos durante o período em que permaneceu na fronteira até a sua morte, quando não poderia ter sido mais espartana sua postura, ao passar necessidades inclusive com sua alimentação, muitas vezes mais do que frugal. Então, com freqüência, dividia com seus comandados as tarefas mais simples e despiu-se de qualquer orgulho ou vaidade de que, por acaso, fosse portador.

Saldanha não conhecia o Rio Grande, seus gaúchos, sua maneira de pelear. Era um almirante. Estava apto para a condução da guerra em termos estratégicos. Contudo, seria querer muito que tivesse conhecimentos da luta empreendida no terreno pelos cavaleiros dos pampas, desconhecia a tática por eles usada. Silveira Martins advertiu-o de que o comando supremo não significava comandar a tropa no terreno de armas na mão. Disse o chefe federalista: "Ele será fatalmente sacrificado. Não conhece o terreno em que pisa nem sabe andar a cavalo. O gênero

**Sacrifiquei à revolução o
meu nome e a minha
posição, que era única na
classe militar brasileira;
abandonado por aqueles que
me arrastaram ao
sacrifício, prefiro ao menos
acabar combatendo do que
terminar como caloteiro**
Saldanha

* N.A.: O articulista não participa dessa certeza. Permanece uma área cinzenta. Saldanha, por superestimar-se, não delegou competência a outros chefes, ou houve, acobertado pela posição de comandante-em-chefe em que foi colocado o Almirante, um encolhimento, inclusive de Silveira Martins, que o inibiu de tomar essa iniciativa?

de guerra que fazemos no Rio Grande do Sul vai surpreendê-lo, inutilizando-lhe a inteligência e a bravura”.⁽³⁸⁾

OS ÚLTIMOS DIAS

A presença de Aparício Saraiva no Rio Grande despertou o governo da República. A diplomacia brasileira tomou medidas enérgicas junto aos governos do Uruguai e da Argentina. “As reiteradas reclamações do governo brasileiro por via diplomática aos governos argentino e uruguaio relativas ao preparo de forças revolucionárias na fronteira, a passagem de armamento e a ida e vinda de pessoal criava ainda mais sérias as dificuldades do momento para o general-em-chefe.”⁽³⁹⁾ “(...) E chegaram ao ponto de obrigarem à destituição, no Uruguai, do chefe do departamento de Artigas, Lecurde – protetor de Saldanha –, havendo ordem para que nenhum emigrado permanecesse a menos de 30 léguas da fronteira.”⁽⁴⁰⁾

Essas medidas isolaram Saldanha. Não mais poderia permanecer em solo estrangeiro e o apoio logístico, por menor que fosse, passara a inexistir. O dilema apresentou-se-lhe de maneira cristalina: a capitulação ou a luta. Ocorria, no entanto, que a palavra capitulação inexistia no dicionário de Saldanha. A invasão do Rio Grande por Saldanha foi então antecipada. “(...), a 22 de abril de 1895 cruzou a fronteira com 700 homens, entre eles 148 da Marinha, fixando acampamento no denominado Campo Osório, no Rincão de Artigas, às margens do Rio Quaraí, linha divisória entre Brasil e Uruguai. De lá, a 4 de maio, comunicou a Silveira

Martins que o 4º Corpo do Exército estava organizado – agora sob o comando de David Martins –, uma parte do qual havendo-o seguido.”⁽⁴¹⁾

A 17 de maio, escreve ao Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo: “Temos agora uma posição admirável para a defesa, com a retaguarda garantida por duas linhas de resistência: o arroio denominado Quarai-Chico e o Arroio dos Morões. Se pudesse dispor dos seis *krupp* que o Sr. Benchimol conserva retidos em Buenos Aires, desafiaria as forças contrárias durante todo o inverno. Mas o judeu exige luvas de dez mil pesos-ouro por uma coisa que, aliás, não é dele, pois foi comprada com o produto da venda de nosso café. Já tentei isso e nada consegui. Onde alcançar esta quantia? Não temos podido operar ativamente pela demora do armamento daí remetido e, também, por certa escassez de cavalhada.

“Nossa única falta é a de recursos. Só de uma coisa me arreceio: do inverno já próximo, por causa do desaparecimento da cavalhada e do sofrimento do pessoal por falta de ponches e roupas. Mas não desanimado, estou disposto a tudo, tranqüilo e forte na minha consciência.”⁽⁴²⁾

**Ele será fatalmente
sacrificado. Não conhece o
terreno em que pisa nem
sabe andar a cavalo. O
gênero de guerra que
fazemos no Rio Grande do
Sul vai surpreendê-lo,
inutilizando-lhe a
inteligência e a bravura**

Silveira Martins

verno já próximo, por causa do desaparecimento da cavalhada e do sofrimento do pessoal por falta de ponches e roupas. Mas não desanimado, estou disposto a tudo, tranqüilo e forte na minha consciência.”⁽⁴²⁾

A CONCILIAÇÃO DE PRUDENTE DE MORAIS

Entrementes, Prudente de Moraes providenciava a conciliação. A 1ª de janeiro de 1895, decretava o indulto das praças da Marinha, Exército e Guarda Nacional condenadas por deserção e determinava a seus

ministros na Argentina e Uruguai providências no sentido de ser facilitado o regresso ao Brasil àqueles que desejassem abandonar a revolução.

A iniciativa política do Presidente da República ecoou favoravelmente entre os emigrados, que aumentavam a convicção na falta de sentido da continuidade da luta. Ao mesmo tempo, cresciam as críticas a Saldanha, "acusado de estar criando empecilhos ao entendimento geral, com a sua nova aventura guerreira".⁽⁴³⁾

O Almirante sentia-se atingido. A 4 de maio, escreve a Silveira Martins: "Desde a assunção ao poder do Sr. Prudente de Moraes, se me diz de vários lados que eu tenho sido obstáculo à pacificação do Rio Grande. (...) V. Exa. o sabe: o meu sacrifício à revolução é tão sincero quão desinteressado. Enquanto os meus serviços puderem aproveitar à revolução, não os regatearei; porém nada quero e nada almejo para mim pessoalmente.

"Obstáculo à pacificação! Isso nunca! - Apenas faço votos para que a pacificação, se vier a realizar-se, seja profícua quão honrosa!"⁽⁴⁴⁾

Em nova carta, datada de 17 de maio, de seu acampamento em Quaraí, escrevia e reiterava suas afirmações anteriores, porém acrescentava: "Farei, entretanto, o possível para que os meus companheiros não se deixem cair nessa teia de intrigas.

"A paz com Castilhos no poder! Será isso possível para o Rio Grande e os rio-grandenses?"

"Após dizer que **preferia o extermínio ao agachamento**", assim conclui as suas considerações políticas: "A luta deve prosseguir.

Podemos não vencer, atenta à escassez dos nossos recursos; mas poderemos ao menos cansar os adversários à força da constância e abnegação. E quem sabe o que acontecerá no entrementes?"⁽⁴⁵⁾

Saldanha ainda imaginava soluções políticas para o Brasil. Uma república parlamentarista. A essa altura, à exceção da maioria daqueles que o acompanhavam na frente da luta, o desejo era de paz. Paz, mesmo com a permanência de Júlio de Castilhos no governo do Rio Grande. Os sacrifícios e os insucessos deixara suas marcas e a fadiga acabava com a vontade de pelear. O limite

havia sido atingido. O Almirante não percebia que se encontrava derrotado e suas mensagens políticas passaram a cair no vazio.

"Até em Campo Osório dominava o desânimo e lavrava o desentendimento. (...), e nem a presença de Saldanha assegurava a coesão desses grupos mal armados que iam se dissolvendo na indisciplina."⁽⁴⁶⁾ Os cau-

dilhos, por formação, eram avessos à organização e à disciplina militar exigidas por Saldanha; abandonavam alguns deles o comando do Almirante para continuar a luta de guerrilhas a sua maneira.

"Essa gente era forçada a suportar um inverno rigorosíssimo e o minúsculo dos pampas, sem ponches ou qualquer outro abrigo adequado a uma temperatura extremamente baixa. Os soldados e oficiais estavam em andrajos e o único alimento era a carne temperada na cinza. Num ambiente de sofrimentos (...), Saldanha dava o exemplo de uma firmeza de conduta própria de um chefe extraordinário. Não desistia da luta e executava, junto com seus comandados, os serviços

* N.A.: Grifo do articulista.

mais duros. (...). Porém, a angústia do seu espírito era imensa, e o almirante não a disfarçava, queixando-se amargamente dos companheiros que o haviam abandonado ou esquecido naquela situação. Certa vez, tendo ido à barraca de um caudilho, que servia nas suas forças, ao ser-lhe oferecida uma taça de café, disse estar há dois dias em completo jejum.

Entretanto, a alma do guerreiro não se deixava vencer pelo infortúnio, e o almirante não admitia a deposição das armas, sem uma paz negociada com honra e capaz de compensar o sacrifício de tantos idealistas.⁴⁷⁾

AS NEGOCIAÇÕES DE PAZ

Saldanha ignorava a evolução do processo político. As negociações de paz já eram realidade. O General Inocêncio Galvão, designado para o comando do 6º Distrito Militar, tinha essa missão. Enviou carta ao General Honorário José (Joca) Nunes da Silva Tavares, cujo portador foi o Dr. Francisco Tavares, irmão de Joca, datada de **28 de maio de 1895**. A 22 de abril, Saldanha cruzara a fronteira do Rio Grande. Ao aceitar a carta, as negociações sobre a paz estavam iniciadas. A escolha de Joca Tavares indicou que para o governo federal era ele quem verdadeiramente possuía o comando militar sobre os caudilhos em armas. Ele, não Silveira Martins, passaria a conduzir o processo de paz, que era de negociações políticas.

Prudente de Moraes agiu com habilidade política: "Procurava manter separados os republicanos hostis a Júlio de Castilhos, daqueles que ele chamava de "restauradores", liderados por Silveira Martins e

Saldanha. Considerava os primeiros menos hábeis, mas neles podendo-se confiar, enquanto contra os segundos dever-se-ia "manter guerra aberta".⁴⁸⁾

Joca Tavares, com **data de 18 de junho**, escreveu sua carta resposta. Encaminhou cópia das duas missivas a Silveira Martins e Saldanha da Gama. Quem sabe simples gentileza protocolar, pois sua caminhada com luz própria havia sido iniciada.

Saldanha não viveu para saber que o comando supremo que recebera não o tornara o comandante de fato da revolução e o responsável pelos destinos da guerra e da paz no Rio Grande. Tomou em Campo Osório no dia 24 de junho.

Pelo menos desse dis-sabor o guerreiro fora poupado.

A ÚLTIMA PELEJA

Os 700 homens de Saldanha, dos quais 148 da Marinha, entre eles aspirantes e guardas-marinha, encontravam-se acampados em Campo Osório (no posto dos Osórios), assim distribuídos: "1ª) tropas de Ulisses Reverbel (cavalarianos e infantaria); 2ª) tropa de Vasco Martins (cavalarianos); 3ª) tropas de Costa Mendes (marinheiros); 4ª) batalhão de francos atiradores (aspirantes e oficiais)".⁴⁹⁾ As obras das fortificações, dirigidas em pessoa pelo Almirante, estavam quase concluídas. "Nos fundos, corre o Rio Quaram, a três quilômetros, onde existem as picadas de Osório e da Barra. (...), que facilitariam uma retirada, em caso de surpresa, para o território oriental."⁵⁰⁾

Na carta ao Capitão-de-Fragata Benjamim de Melo, Saldanha já assinalava a presença do inimigo: "(...). Além disso, observa-nos de

Essa gente era forçada a suportar um inverno rigorosíssimo e o minuano dos pampas, sem ponches ou qualquer outro abrigo adequado a uma temperatura extremamente baixa

Pedro Lafayette

perto duas colunas – a do General Hipólito, de cerca de mil homens, e a de Santana (Paulo Castro), com 800, presumivelmente”.

O dia 24 de junho, típico do inverno gaúcho na campanha, ameaçava com temperaturas muito baixas. Os homens, sem abrigo de lã, aqueciam-se em volta dos braseiros. Seriam poucas as esperanças no meio desse sofrimento físico e moral. O sol trazia um pouco de animação. Havia certa despreocupação, pois as informações disponíveis não prenunciavam probabilidade de ataque iminente.

“Todavia, pelas 8 horas, um aspirante de Marinha, integrante do piquete da carneada, entrava pelo acampamento, com a montaria a todo galope, a fim de comunicar ao Almirante que sua gente topara a vanguarda legalista, com a qual estava tiroteando não muito distante”.⁽⁵¹⁾

Saldanha, imediatamente, tomou as providências para o combate. Sua avaliação, é quase certo, seria a de que às forças “do General Hipólito, que operavam na fronteira, deviam sobrar recursos em homens e materiais para competir com os reduzidos e mal aparelhados contingentes de revoltosos”.⁽⁵²⁾ As possibilidades de vitória dos federalistas, na prática, inexistiam. Mas Saldanha não admitia a hipótese, plenamente factível, de um recuo, retornando ao Uruguai. Seria o mesmo que a capitulação.

O espírito sonhador do guerreiro falava mais alto. Quem sabe, ainda, imaginasse até mesmo a vitória”.

“Cerca das 9 horas, já podia ver a triplíce coluna governista, que descera do Campo

Osório, desdobrada a uns 400 metros da linha federalista – escreve uma preciosa testemunha destes acontecimentos, o Comandante rebelde Roberto de Barros”. Eram aproximadamente 1.300 homens, sendo 800 infantes e 500 cavalarianos, sob o comando do Coronel Antônio Cândido Azambuja, fazendo parte desta força o “corpo de exploradores” do caudilho Tenente-Coronel João Francisco Pereira de Souza, famoso pela sua bravura feroz e um dos mais perfeitos conhecedores daquelas paragens.”⁽⁵³⁾

Embora já consciente do poder do inimigo, Saldanha não obedece à lógica que determinava a retirada. Formula uma bem elaborada concepção tática para o combate. Contudo, essa idéia de ação teria de ser entendida pelos chefes a ele subordinados. A surpresa do ataque, certamente, não permitiu que seu planejamento fosse bem absorvido, o que seria fundamental. Ademais, dependeria de perfeita disciplina tática em obedi-

ência, no tempo exato, às ordens emanadas do comando, por si só, difícil de ser conseguida, em razão do individualismo que caracterizava a luta dos caudilhos gaúchos.

O plano, em resumo, consistia em bater a cavalaria inimiga, atraída para o centro do acampamento, onde seria esperada pela infantaria e os “franco-atiradores” e atacá-la pelos flancos com os cavalarianos (lanceiros) de Ulisses Reverbel e Vasco Martins. Contudo, quando a cavalaria governista concentrou-se para atacar, um grupo de lanceiros maragatos não teve a disciplina necessária para

Certa vez, tendo ido à barraca de um caudilho, que servia nas suas forças, ao ser-lhe oferecida uma taça de café, disse estar há dois dias em completo jejum

Pedro Lafayette

* N.A.: O grifo é do articulista.

**N.A.: Assinala Hélio Leôncio Martins: “Escreveram detalhadamente sobre os acontecimentos de Campos dos Osórios o Comandante Roberto de Barros e o Almirante Artur Thompson, ambos “alunos de Saldanha” que estavam presentes no local. (...)” – op.cit., p.450, nota 19.

aguardar a ordem de Saldanha e precipita-se sobre o inimigo. Ao perceber o erro, cometeram outro maior e, "ao invés de recuarem para os lados, deixando livre o campo de tiro dos infantess, vieram em sua direção, obrigando-os a abrirem as fileiras, através das quais passaram não só os que retiraram como a carga impetuosa de João Francisco, que os perseguia, transformando o combate em violento corpo a corpo na área do acampamento".⁽⁵⁴⁾

"Se as lanças e as espadas – escreve Roberto de Barros – trabalhavam de um lado, de outro lado, o fogo deitado à macega, pelos governistas, ainda aumentava a aflição de todos aqueles cuja única salvação era a fuga para as picadas e passos transbordantes do Quarai."

Muitos conseguiram retirar-se pelas picadas. Os que ficaram, registra Thompson, "batiam-se como leões, mas era impossível impedir a derrota (...)".⁽⁵⁵⁾

Saldanha, indiferente à sorte, ignorava o apelo dos seus camaradas para transpor a fronteira. Ainda Thompson: "Desafiava a morte, e ao observar-se sua calma, dir-se-ia que até a procurava, (...)".⁽⁵⁶⁾ Dirigia-se com imponência para a morte. "Vestia o Almirante uma roupa de flanela azul, que recebera, na véspera, de Montevidéu, enviada pelo irmão", e, chapéu preto, mole, com uma larga fita verde-amarela. Montado em cavalo castanho, tendo nas mantas, entrelaçadas, as ini-

ciais S.G. (...)."⁽⁵⁷⁾ Seus aspirantes e guardas-marinha permaneceram, o mais que puderam, ao seu lado. "Dos 105 homens da Marinha, apenas 29 escaparam com vida."⁽⁵⁸⁾ No total, mais de 200 revoltosos pereceram. "Por fim, Saldanha encontrou a morte nas lanças dos irmãos Tambeiro, capatazes de fazenda. "Nos últimos instantes, ao lado de Saldanha, estavam o Guarda-Marinha Sá Peixoto e um combatente jamais reconhecido."⁽⁵⁹⁾

O Almirante Saldanha da Gama estava morto e com ele morria a revolução, da qual acabou por se tornar o mais lídimo guerreiro.

Quando a cavalaria governista concentrou-se para atacar, um grupo de lanceiros maragatos não teve a disciplina necessária para aguardar a ordem de Saldanha e precipita-se sobre o inimigo

EPÍLOGO

Luiz Filipe de Saldanha da Gama foi promovido a almirante na República.

Deodoro escolheu-o não por sua crença no sistema monárquico de governo, mas por suas reconhecidas qualidades, que o colocavam em posição de nítida distinção entre seus pares.

Quando Deodoro fechou o Congresso e Custódio de Melo, pela primeira vez, levantou os navios surtos na Guanabara, Saldanha, no exercício do alto cargo de chefe do Estado-Maior da Armada, então o comandante militar da Marinha, quis enfrentar os revoltosos, mas não obteve a cooperação do ministro da Guerra, General Falcão da Frota***, que lhe negou tropa para que abordasse um dos navios. Nem com a intervenção do Barão de

* N.A.: Dr. Sebastião de Saldanha da Gama.

**N.A.: "Entre os oficiais que foram degolados, estavam os Primeiros-Tenentes Timóteo Pereira Rosa, Fernando Pinto Ribeiro e Tranquilino Diogo, Guardas-Marinha Artur Torres, Cândido de Carvalho e Alberto Sá Peixoto, Aspirantes Durval Alves Moraes e Adrião Chaves." Almirante A. Thompson, op. cit., p.296.

*** N.A.: Para alguns, o ministro já conspirava em favor de Floriano Peixoto.

Lucena, o ministro concordou com o pedido. Deodoro, após um dia de sofrimentos, atacado por forte dispnéia, próximo da meia-noite conseguira, afinal, dormir. Não ousaram acordá-lo para que pessoalmente desse as ordens a Falcão da Frota.

Pela manhã, após recriminar os que não o acordaram, renunciava e entregava o governo a Floriano Peixoto. Na ocasião, ainda determinava ao seu ajudante de ordens: "Lamenha, diga a Saldanha que considere sem efeito as ordens dadas e venha falar-me". Os fatos mostram a lealdade do Almirante e a confiança que nele depositava Deodoro.

*

* *

Parte da jovem oficialidade que arquitetou a Revolta da Armada, na busca de um chefe para o movimento, recorreu primeiramente ao Almirante Saldanha, em 18 de julho de 1893. Saldanha não concordou e desaconselhou os oficiais de participarem da conspiração, quando disse: "O Almirante Saldanha pode arrastar, nunca ser arrastado (...)." Ele

não admitia que pudessem imaginá-lo conspirador, muito menos por uma chefia imposta por inferiores hierárquicos. Não aceitava, por princípios, a intervenção militar na política.*



*
* *

A 6 de setembro de 1893, o Almirante Custódio de Melo iniciava a Revolta da Armada e exigia a renúncia de Floriano Peixoto. Saldanha encontrava-se no cargo de diretor da Escola Naval, onde sua figura carismática empolgava os aspirantes. Escolheu Saldanha traçar um caminho que, com o tempo, se tornaria cada vez mais difícil de trilhar: o da neutralidade entre as partes. Seu pensamento de idealista era o de preservar a futura oficialidade para a reconstrução da Marinha, que antevia sair da contenda fragmentada. Todavia, nem sua forte capacidade de mando e, mais que o respeito e admiração, a veneração que lhe devotavam seus alunos foram suficientes para impedir que seus comandados fugissem da Escola Naval para o *Aquidabã*, a fim de aderirem à revolta chefiada por Custódio de Melo. A atitude tomada por seus aspirantes e guardas-marinha colocaram-no ante o dilema: ficar com seus princípios político-

militares ou ingressar na revolução para acompanhar seus "rapazes". Optou pela entrada na guerra em que não acreditava; porém, ao assumir o compromisso, mais do que qual-

* Ver RMB v. 115, nº 4/6, abr/junho, 1995, pg. 49.

quer outro, a ela entregou toda sua coragem e energia.

*
* *

Os fados foram mais cruéis com Saldanha. Os homens são conduzidos pelos acontecimentos. Muitas vezes pensam que o conduzem. Apenas pensam...

Luiz Filipe de Saldanha da Gama possuía todas as qualidades – aprimoradas ao longo de sua vida de dedicação à Marinha, e só a ela – para no patim superior do portaló de honra de sua carreira retribuir-lhe o que, certamente, ele julgava que a ela devia. Não seria exagero supor que, fruto de sua inteligência, cultura, coragem e vigor físico, os seus serviços ao Brasil extrapolassem à sua arma querida, para

atuar de forma direta nos mais altos destinos nacionais. Porém, Saldanha da Gama, ao aderir à revolução, que seria insensata e de insucesso previsível, tendo por aliados a sua alma romântica e o seu rígido conceito de honra, findou por prestar um desserviço à Nação, pois acabou por privá-la do seu concurso, que seria de enorme valia, grande homem que foi.

*
* *

Graças, principalmente, a Alexandrino de Alencar e Henrique Aristides Guilhem, guarda-marinha em Campo Osório, teve seu nome perpetuado na Marinha, onde, na Escola Naval, deve ser lembrado como o eterno educador dos aspirantes de Marinha.

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<HISTÓRIA> / História do Brasil /; Política; Militares; Revolta da Armada; Revolução Federalista; Saldanha da Gama (Alte); Floriano Peixoto (Mar.); Prudente de Moraes (P.R.);

BIBLIOGRAFIA

- 1 – LAFAYETTE, Pedro – *Saldanha da Gama*, 2º volume – Editora Souza. Rio de Janeiro, Brasil, pg. 169.
- 2 – lb, pg. 175.
- 3 – lb, pg. 178.
- 4 – lb, pg. 179.
- 5 – lb, pg. 180.
- 6 – lb, pg. 181.
- 7 – lb, pg. 187.
- 8 – lb, pg. 188.
- 9 – lb, pg. 196.
- 10 – MAGALHÃES JÚNIOR, R. – *Deodoro, a Espada contra o Império*. – Vol. 1 – *O Aprendiz de Feiticeiro*. Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1957, pg. 317.
- 11 – lb, pg. 314.
- 12 – lb, pg. 316.
- 13 – LAFAYETTE, Pedro, op. cit. pg. 197.
- 14 – lb, pg. 198.
- 15 – lb, pg. 200.
- 16 – lb, pg. 200.
- 17 – lb, pg. 200.

- 18 - lb, pg. 201.
19 - lb, pg. 202.
20 - lb, pgs. 203 a 205.
21 - lb, pg. 205.
22 - lb, pg. 207.
23 - lb, pg. 207.
24 - lb, pgs. 208 a 213.
25 - DANTAS SILVA, Leonardo - *Nabuco e a República* - Recife. Fundação Joaquim Nabuco. Editora Massangana, 1990, pg. 168.
26 - MARTINS, Hélio Leôncio - *A Revolta da Armada*. Prêmio Tasso Fragoso 1996 - Biblioteca do Exército Editora. Rio de Janeiro, 1997, pg. 414.
27 - lb, pg. 420.
28 - lb, pg. 422.
29 - lb, pg. 423.
30 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit, pg. 216
31 - lb, pg. 217.
32 - lb, pg. 218.
33 - lb, pg. 218.
34 - lb, pg. 219.
35 - lb, pgs. 220 a 222.
36 - lb, pg. 223.
37 - lb, pg. 224.
38 - lb, pg. 224.
39 - THOMPSON, Artur (Almirante) - *Guerra Civil no Brasil, subsídios para a história, 1893-1895. Vida e Morte do Almirante Saldanha da Gama*. Rio de Janeiro, 1959 (3ª edição), pg. 282.
40 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 225.
41 - MARTINS, Helio Leôncio - op. cit., pg. 424.
42 - lb, pg. 426.
43 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 227.
44 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 227.
45 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 227.
46 - lb, pg. 229.
47 - lb, pg. 230.
48 - MARTINS, Helio Leôncio - op. cit., pg. 430.
49 - THOMPSON, Artur (Almirante) - op. cit., pg. 283.
50 - lb, pg. 284.
51 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 237.
52 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 237.
53 - lb, pg. 238.
54 - MARTINS, Helio Leôncio - op. cit., pg. 427.
55 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 241.
56 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 241.
57 - lb, pg. 239.
58 - THOMPSON, Artur (Almirante) - op. cit., pg. 296.
59 - LAFAYETTE, Pedro - op. cit., pg. 242.